

# Mensagens do Oscar



» **LIER PIRES FERREIRA**  
PhD em direito, pesquisador do Núcleo de Estudos dos Países Brics (NuBRICS/UFF)

» **RENATA MEDEIROS**  
Mestre em ciência política, advogada

sem problematizar a condição feminina imposta pela indústria do sexo. O sufocante etarismo exposto por Moore em *A substância* ou a resiliência feminina de Torres em *Ainda estou aqui* foram menos palatáveis ao Academy Awards.

Todavia, neste ano a Academia deixou um recado muito claro quanto aos riscos do autoritarismo nos Estados Unidos e no mundo. Não por outro motivo, entre os agraciados, há muitos filmes que têm a liberdade democrática como pano de fundo. É o caso de *Sem chão*, que, não tendo distribuição oficial em solo americano, enfrentando explícita censura, denuncia o extermínio palestino pelas mãos do governo Netanyahu, incondicionalmente apoiado por democratas e republicanos. Também é o caso de *Brutalista*, estrelado por Adrien Brody (Melhor Ator). O filme conta a história do judeu-húngaro László Tóth, que foge de uma Europa devastada pela Segunda Guerra (1939-1945) para uma América que, então, representava um porto seguro para imigrantes de diversas nacionalidades.

*Ainda estou aqui* (Melhor Filme Estrangeiro) segue a mesma trilha. A película de Walter Salles traz a luta de Eunice Paiva (Fernanda Torres) no contexto do assassinato de seu marido, o ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello) nos porões da ditadura. Sem caráter militante, o filme nos convida a refletir sobre os horrores de um regime de exceção, que, sob a bandeira do anticomunismo, do amor à pátria e da ordem, fez do assassinato e da tortura uma política de Estado, tratando adversários como inimigos.

Por isso, devemos desconfiar de líderes extremistas, como Donald Trump e outros que “flertam” com o autoritarismo. O argentino Javier Milei, o salvadoreño Nayib Bukele e o alemão Max Krah, assim como o francês Jordan Bardella e Giorgia Meloni, a primeira mulher a ocupar o cargo de primeira-ministra da Itália, também estão nessa categoria. O alerta também vale para o Brasil. A democracia duramente reconquistada em 1985 não terá vida longa se não for defendida pela sociedade. Os atos de 8 de janeiro indicam que, ao arrepio da verdade histórica, muitos ainda desejam uma intervenção salvacionista das Forças Armadas, relativizam os crimes cometidos pela ditadura e fazem um balanço positivo do período entre 1964 e 1985.

A seleção dos agraciados neste ano com o Academy Awards confere uma rara oportunidade para que norte-americanos e europeus olhem pelo buraco da fechadura e antevejam o que pode lhes acontecer caso a democracia seja varrida para debaixo do tapete. O mesmo vale para o Brasil, onde cinéfilos e carnavalescos se dividiram entre o Oscar e a Marquês de Sapucaí.

Em sua diversidade, o prêmio mais cobinado do cinema mundial deixa uma forte mensagem: regimes autoritários geram dor e sofrimento. Quase 80 anos após o fim da Segunda Guerra, a sombra do autoritarismo está novamente presente no Ocidente. Logo, a luta pela democracia tem que ser redobrada, pois, na política, como na vida, de nada vale a forma sem substância.

## Paulo Pestana, marcas na política e no coração



» **IBANEIS ROCHA**  
Governador do Distrito Federal

Há exatamente um ano, partia sem aviso prévio Paulo Pestana, um jornalista que marcou não apenas as redações de Brasília, mas também o coração de todos que tiveram a sorte de conhecê-lo. Sua ausência foi um golpe duro, especialmente porque Paulinho, como era carinhosamente chamado, sempre viveu com uma intensidade que fazia parecer que ele estaria ali para sempre, observando, orientando e inspirando.

Paulinho sempre foi um jornalista diferenciado. Trabalhou em quase todas as redações de Brasília, deixando em cada uma delas um rastro de profissionalismo, de ética e humanidade. Sua carreira foi construída com dedicação e um olhar apurado para os detalhes, características que o tornaram uma referência no meio. Contam-se histórias dignas de um registro permanente de sua passagem no jornalismo — como repórter e editor. Seus laços com a cultura levaram-no a promover artistas em início de carreira. Seu lado boêmio deixa saudades nos bares (preferencialmente botecos) que frequentou para discutir de futebol a política. Podia ser qualquer outro assunto, mas continuava sendo a mesma pessoa, afável e até amorosa; irônico, às vezes, sem perder a doçura. Grosseiro, jamais. Não admirava a legião de admiradores, colegas que respeitavam não apenas seu talento, mas também sua integridade.

Mas o Paulinho jornalista era apenas uma das facetas desse homem tão singular. Logo surgiria o estrategista, o articulador político, aquele que, com sua fala mansa, seu humor refinado e sua capacidade única de convencer as pessoas, conquistou políticos de todos os espectros. Não conheço um político do Distrito Federal que não tenha se rendido aos seus encantos. E ele poderia ter trabalhado com qualquer um, mas escolheu ficar ao meu lado, mesmo quando tudo indicava que a disputa política em 2018 seria acirrada e desafiadora.

“Calma que vamos chegar lá”, ele repetia, sempre com a serenidade de quem enxergava além do imediato. E foi assim, com essa calma e determinação, que Paulinho não apenas moldou a imagem do candidato, mas também muito contribuiu para tecer alianças que foram fundamentais para a campanha. Ele era o maestro por trás dos bastidores, aquele que transformava desafios em oportunidades e dúvidas, em certezas.

Lembro-me vividamente de um dia, no início da campanha, quando um eleitor nordestino me presenteou com um chapéu de couro. Eu o coloquei na cabeça, sem pensar muito, até que Paulinho me olhou com aquele brilho nos olhos e disse: “Não tire esse chapéu. Vai ser o símbolo da campanha”. E explicou, com a clareza que só ele tinha, que aquele chapéu representava mais do que um acessório; era um tributo aos trabalhadores nordestinos que ajudaram a construir Brasília e um reconhecimento do sotaque nordestino que permeia o falar brasileiro. Sua habilidade de observar detalhes, tanto na comunicação quanto na apresentação pessoal, era notável. Ele oferecia feedbacks gentis, que se transformavam em lições valiosas.

Aquele chapéu tornou-se, de fato, um símbolo. Eu o guardo até hoje, não apenas como uma lembrança da campanha, mas como uma memória viva de Paulinho e de sua genialidade.

O legado de Paulo Pestana nos convida a refletir sobre como podemos honrar sua memória. Há uma pequena praça sendo construída com o seu nome ao lado da Quitua, no Lago Norte, local onde ele frequentava nos fins de semana, reunindo dezenas de amigos em torno de sua mesa. Talvez ele recusasse essa homenagem. Desta vez, vamos discordar. Em tempos em que os heróis parecem ser esquecidos, é vital que seus ensinamentos permaneçam vivos.

Trata-se de um amigo verdadeiro, daqueles que raramente encontramos na vida. Sua amizade era como um porto seguro, um lugar onde eu podia ser eu mesmo, sem medo de julgamentos. Ele tinha uma maneira única de me entender, de saber quando eu precisava de um conselho, de um incentivo ou apenas de um momento de silêncio compartilhado.

Nossa amizade foi forjada nos pequenos gestos e grandes significados. Era no jeito como ele me olhava, com aquele sorriso tranquilo, quando sabia que eu estava prestes a tomar uma decisão difícil. Era na forma como ele me puxava de volta à realidade quando eu começava a voar alto demais, sempre com uma piada no momento certo. Era na maneira como ele celebrava minhas vitórias como se fosse dele, e como ele me apoiava nos momentos de derrota, sem nunca deixar que eu desistisse.

Paulinho tinha uma capacidade incrível de transformar o ordinário em extraordinário. Um simples café na esquina virava uma conversa profunda sobre vida, política e sonhos. Um passeio pelo Plano Piloto era uma aula de história e de amor por Brasília. Ele me ensinou a ver beleza nas coisas simples, a valorizar as pessoas e a acreditar que, mesmo nos momentos mais difíceis, há sempre uma luz no fim do túnel.

Sua partida deixou um vazio que não pode ser preenchido. Há dias em que ainda espero ouvir sua voz ao telefone, dando aquela dica certeira. Há momentos em que sinto falta daqueles olhos brilhantes, cheios de sabedoria e compaixão. Mas, ao mesmo tempo, sinto que ele ainda está aqui, em cada decisão que tomo, em cada desafio que enfrento, em cada sonho que persigo.

Paulo Pestana era mais do que um jornalista ou um estrategista político. Era um homem que sabia valorizar as pessoas, que enxergava beleza nos detalhes e que transformava ideias em realidade. Ele nos lembra que os grandes sonhos e os grandes desejos foram feitos para permanecer intocados em nossas almas, como faróis que guiam nossos passos. Viveu com honra, com paixão e com um amor genuíno pelas pessoas e por Brasília, que adotou como sua terra.

Paulinho, agora, é mais do que uma lembrança. É um chamado para que não nos esqueçamos daquilo que realmente importa: viver com propósito, amar com intensidade e deixar um legado que inspire as gerações futuras. Sua luz continua a brilhar em todos nós.



## 8 de março, a justa homenagem à mulher do “Saara Livre”



» **MARIA JOSÉ MANINHA**  
Foi deputada distrital e federal. Preside a Asaarauí

» **DORGIL SILVA**  
Ex-conselheira da Federação dos Jornalistas. Integra a Comunicação da Asaarauí

consolidou o empoderamento da mulher na constituição da República Árabe Saaraui Democrática (RASD), em 1976.

Três dos cinco estados da RASD são governados por mulheres, por eleições em que obtiveram mais de 40% das cadeiras do parlamento. A participação feminina em todos os esforços saaraus contribuiu para repelir a tradição escravista de algumas tribos, alcançar o índice de feminicídio zero e repudiar a violência doméstica. Todas as crianças nas áreas controladas pela RASD estão na escola. Inovadora nos costumes, é dito com orgulho que a mulher saaraui festeja muito quando se casa, e promove comemorações tanto altivas quanto respeitáveis quando se divorcia.

Após o enfraquecimento europeu na Segunda Guerra Mundial, disseminaram-se na África os movimentos por independência. As colonizações europeias exploradoras das riquezas do continente foram superadas. A luta de libertação no Saara Ocidental levou à queda do domínio espanhol.

No movimento de saída da África, entretanto, a Espanha, para preservar uma parte dos seus interesses, promoveu acordo com dois países africanos vizinhos, Marrocos e Mauritânia, a eles entregando a parte mais rica do território do Saara Ocidental.

A resistência saaraui impôs a retirada da Mauritânia, mas o Marrocos angariou recursos para tentar impedir a entrada dos combatentes saaraus na retomada do território do seu povo. O pai do atual rei, ante a continuada resistência armada, assinou o cessar-fogo com a Frente Polisário, com a mediação da ONU. O acordo incluiu uma consulta democrática ao povo saaraui para decidir o próprio destino.

A ONU nunca realizou a consulta, por pressão do Marrocos. O atual rei, com apoio da Espanha e da França, e, posteriormente, dos EUA e de Israel, desonrou o acordo feito pelo pai. Hoje há um muro de 2.700km com centenas de milhares de minas explosivas que dificultam a tomada do território. Desde 2022, os saaraus decidiram retomar as armas, obtendo vitórias em um contexto internacional pouco favorável.

Em outubro de 2024, o Tribunal de Justiça da União Europeia (TJUE) sentenciou que o Marrocos não tem direito, como vem fazendo, de negociar com empresas europeias as riquezas do Saara Ocidental, ao não reconhecer, em toda a história, qualquer soberania do Marrocos sobre o território colonizado. Cabe ao povo saaraui autorizar a exploração de qualquer riqueza ou potencial em seu território, decidiu o tribunal.

Hoje, são 84 os países que reconhecem oficialmente a RASD, com a instalação de embaixadas do Saara Ocidental. Diversos outros mantêm a Frente Polisário como interlocutora, o que é um avanço diplomático que sinaliza a possibilidade de estabelecer relações bilaterais com o povo saaraui diretamente.

Cresce também o movimento internacional de solidariedade da sociedade civil à autodeterminação do povo saaraui, com o lema “Saara Livre”. A Associação de Solidariedade e pela Autodeterminação do Povo Saaraui no DF (Asaarauí) programou uma série de atos com divulgação nas redes sociais e comunicados à Imprensa.

Viva o “Saara Livre” no aplauso à mulher saaraui, que alimenta os conceitos da igualdade social, da solidariedade internacional, da República, da prioridade às crianças, aos enfermos, aos necessitados em geral, do respeito à cultura do próprio povo e a dos demais.